

É POSSÍVEL UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA?

Alaíde Maria Araújo Nascimento*

Maria José de Araújo**

Resumo: Este artigo tem como objetivo provocar nos leitores uma inquietação quanto ao sistema educacional que não atende às exigências do mundo contemporâneo. Foi pensando nisso, que decidimos fazer uma oficina experimental na Escola Três Marias, situada na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, na periferia da cidade de Floresta/PE para diagnosticar se de fato os jovens não querem estudar, se formar, se capacitar, se tornar um homem/mulher preparado para o mundo do trabalho. Esperamos que esta experiência descrita abaixo possa nos ajudar na reflexão sobre a educação, de modo particular que seja uma educação que ajude na formação dos nossos jovens para serem protagonistas de sua própria história. O papel do educador é de fundamental importância para que isso aconteça.

Palavras-chave: Educação. Juventude. Família. Sociedade. Experiência.

Introdução

A região do Sertão de Itaparica - Pernambuco que compreende o território do polígono da maconha no Sertão de Itaparica (Floresta, Belém do São Francisco, Cabrobó, Salgueiro, Carnaubeira da Penha e cidades circunvizinhas) é palco de violência contra os jovens, mulheres, negros e índios. A falta de paz nesse sertão não é algo ocasional.

Olhando para esta realidade, surgem sérios questionamentos que merecem serem colocados: é possível reconstruir uma nova história neste sertão marcado

* Graduada em Matemática pelo CESVASF – PE (Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco) na cidade de Belém do São Francisco – PE; Pós-graduada em Programação de Ensino de Matemática pela UPE (Universidade de Pernambuco); Pós-graduada em Educação e Ética para uma Cultura de Paz pela UESB- BA (Universidade Estadual do sudoeste da Bahia) e Articuladora Municipal do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz, na cidade de Floresta - PE. E-mail: alaide_florestan@hotmail.com.

** Graduada em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA-CESA) desde julho de 2002. Pós-graduada em Curso Latu Sensu em Educação e ética pela Cultura de Paz pelo Deptº de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em Floresta – PE. Coordenadora Geral do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz desde 2001. E-mail: culturadepaz.pe@gmail.com.

profundamente por tanta violência? Essa região tem perspectiva de futuro para a juventude? A educação nessa região tem consciência de seu papel neste processo de transformação social/política/cultural/econômica da região? Nossos políticos são mesmo comprometidos com o futuro das novas gerações que estão chegando? Qual o futuro desta juventude de hoje?

Foi pensando nisso, que a Diocese de Floresta decidiu adotar estratégias capazes de transformar esta realidade, através de uma Educação para a construção da Paz: surgiu o Projeto de Educação para uma Cultura de Paz. Com o desenrolar do projeto vieram outros desafios, principalmente os conflitos no dia-a-dia escolar e como superar: o individualismo, o consumismo, ódio entre famílias, as crises familiares, os jovens desinteressados nos estudos, evasão escolar, desmotivação dos educadores, depredação com o patrimônio público, as drogas, a exploração sexual com crianças e adolescentes, violência na família, etc.

Daí surgiu à idéia de se fazer uma oficina com os jovens tendo como tema: A escola que temos e a escola que queremos! Para se ter um quadro da real situação da juventude na vida escolar e familiar. Foi através desta experiência que se percebeu que os jovens têm vontade própria, gosta de participar, é crítico, mas não tem argumento claro para defender suas idéias, é cheio de preconceito, tem auto-estima, responsável quando confiado, é enérgico, joga na cara o que pensa do outro, não tem medo, mas tem medo de assumir os compromissos, não sabe fazer escolhas quer abraçar tudo, enfim, quer o tudo agora. Não tem claro o sonho que deseja almejar na vida. Há uma falta de perspectivas de vida de nossos jovens.

“A contribuição do professor” no protagonismo dos jovens.

Nestes anos, percebemos que está cada vez mais difícil trabalhar com os jovens nas escolas. Há um índice muito alto de evasão escolar: falta de motivação, objetivos, metas e intenções tanto por parte dos alunos quanto dos professores. Na verdade, não se tem um diálogo aberto entre a escola e as famílias. Cada um no “seu quadrado”. Muitos educadores reclamam que o que os jovens aprendem na escola em casa não se

tem o reforço. Muitas famílias não têm tempo para os filhos e jogam a responsabilidade da educação dos filhos aos professores.

Nestes últimos dois anos, o Projeto de Educação para uma Cultura de Paz no município de Floresta, vem refletindo com os educadores sobre o processo educativo de nossa juventude, que muitas vezes não se inova nem se transforma. Segundo o Documento da CNBB nº 47 “Educação, Igreja e Sociedade” nos afirma que:

A Organização escolar brasileira deu pouca atenção às necessidades específicas das pessoas da cidade e do campo. Os cursos noturnos e as escolas rurais não dispõem de currículos, conteúdos e calendários apropriados para a sua clientela. Disto resulta a falta de interesse e abandono pela classe trabalhadora, que só dispõe desse horário, e o êxodo rural da juventude em busca de melhores oportunidades (CNBB-47, § 15, p. 17).

No município de Floresta não é diferente. A juventude que estuda no turno da noite vem para a escola, deixa os cadernos nas salas e depois vão direto pra praça no centro da cidade. Muitos vêm das comunidades rurais. E muitos desistem no meio do ano porque não se sentem motivados para estudar. Continuam dizendo que a juventude de hoje não tem futuro e nem interesse em estudar. Mas será mesmo que os jovens não querem estudar, se formar, se capacitar, se tornar um homem/mulher preparado para o mundo do trabalho? Ou será por quê a cidade não tem condições de garantir aos jovens um futuro brilhante, com o trabalho garantido e o salário justo? Ou ainda, a juventude de Floresta não tem perspectiva de futuro? Ou o mundo todo está em crise e Floresta não está isenta disso?

Vivemos um tempo de crises na família, na sociedade e no mundo em geral. Isso porque escolhemos um modelo de capitalismo selvagem: vale mais o ter do que o ser. Se a sociedade está sofrendo sérias conseqüências por causa do consumismo globalizado e sem limites, qual o futuro das gerações vindouras?

As escolas vivem em seu interior os reflexos das crises político-econômico-sociais de nosso país. Não conseguem oferecer uma verdadeira educação, ou por falta de um projeto que as identifique como escola, ou por contradições internas provenientes da visão de

educação, de homem e de sociedade, ou por interferência de interesses políticos (CNBB-47, § 18, p. 17).

Além disso, falta a qualificação social e profissional do educador:

A pouca atenção e descompromisso com a educação por parte da sociedade civil e do poder público repercutem fortemente sobre o educador. A desvalorização da imagem social e profissional do educador é evidente nos baixos salários, na insuficiência de material de apoio e na ausência de políticas consistentes para sua formação, na infraestrutura física da escola (prédios, móveis, limpeza) [...]. A maioria dos sistemas e instituições escolares pouco investem em programas de atualização e aperfeiçoamento dos seus docentes. Os professores não dispõem de tempo e condições para uma capacitação adequada e formação permanente [...]. As escolas de formação do Magistério vêm sendo descaracterizadas como centros de profissionalização. Seus currículos são inadequados para uma formação mais aprofundada dos futuros professores dentro de uma visão antropológica da educação. É urgente sua reformulação a fim de atender às necessidades qualitativas e quantitativas da educação (CNBB-47, §§ 23-25, p. 19).

É urgente e necessário superar práticas que reproduzem na vida de nossos jovens através das escolas como: passividade, comodismo, indiferença, descaso, falta de compromisso consigo e com os outros, desrespeito, falta de diálogo, falta de escuta, desinteresse em querer aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conviver.

A grande responsabilidade de um educador no Brasil é tornar a escola um espaço em que a pessoa se abra ao transcendente e se tornem:

Capazes de se assumirem, a mulher e o homem são chamados, pela liberdade, a transcender todos os condicionamentos e a dar um sentido à sua atividade e, por conseguinte, à sua vida. O processo de auto-realização ou de libertação é longo e difícil. Ele começa pela tomada de consciência de um sentido transcendente que leva o ser humano a se posicionar, como indivíduo e como membro de uma sociedade, antes os valores que superam os condicionamentos materiais e temporais da existência, apontando para o mistério de sua própria vida e, em última instância, para o mistério de Deus (CNBB-47, § 66, p. 40).

A escola deve ser um lugar de descobertas de suas origens, culturas, tradições, costumes para ajudá-los a entrar num processo de formação humana para entender quem são, onde estão e para onde querem chegar. Compreender a razão de sua existência neste mundo. Fazer deste espaço um lugar de aprendizagem, de vivência e troca de experiências, de convivência com o outro e de crescimento humano, espiritual, intelectual, psicológico, social, cultural, político.

Daí a importância do Projeto Cultura de Paz nas escolas, que tenta a todo custo fazer os educadores entenderem o seu papel:

A educação está a serviço desse “aprender”, que se radicaliza na liberdade, passa pela libertação da pessoa e culmina na abertura a uma ordem social humanizadora. É através dessa abertura que o homem transcende a si mesmo e descobre a Ser Supremo que dá sentido à sua existência e, ao estabelecer com Ele uma relação vital, aprende a lhe ser fiel em todos os momentos da sua existência e de sua atividade (CNBB-47, §, p. 40-41).

Acreditamos que a instituição educacional tem como papel ser este espaço de aprendizagem, de integração grupal, lugar de fortalecimento nas relações humanas, de superação de conflitos, de inclusão social. Foi por isso que decidimos realizar uma pesquisa de campo na Escola Três Marias, localizada no Bairro da Comunidade Nossa Senhora de Fátima (COHAB), na cidade de Floresta – PE, com o intuito de detectar a realidade e como é o convívio família – escola - sociedade. Como também ver a relação que existe entre os alunos, entre alunos e professores, entre a escola e a família. Solicitamos da escola a liberação de uma turma de 8ª série para fazer esta experiência e sentir se de fato eles se encontram ou não em sua escola. Para isso, foi feito todo um trabalho intenso de atividades na escola, durante três dias. E aqui queremos registrar a experiência vivida.

A escola que temos e a escola que queremos!

A turma de 8ª série, composta com mais de 15 jovens entre 12 a 15 anos, acolheu-nos muito bem e aceitou de imediato a proposta de se fazer esta experiência

de oficina. Vale salientar que são jovens provenientes deste mesmo bairro, de famílias de baixa renda, a maioria de etnia proveniente de quilombolas. A maioria é de famílias oriundas da roça. No início dos trabalhos, foi feita uma dinâmica para partilharem de sua vida e dar o conceito de algumas palavras como: relação, pessoas, convivência, interação, experiência, poder, afetividade, amizade, regras, sociedade, preconceito, família, escola, responsabilidade, equilíbrio, disciplina, utopia, motivação, entre outras.

Vimos nesta troca de conhecimentos que os jovens têm dificuldades de definirem o conceito de palavras que são comuns no dia a dia. No início, demonstraram desinteresse, mas à medida que foram se envolvendo foram falando. Algumas palavras foram fáceis de conceituar outras não. Vale salientar que algumas causaram tumulto como: preconceito, sexo, amizade.

Outras foram difíceis de conceituar como: UTOPIA, DISCIPLINA, EQUILÍBRIO. Percebeu-se que os jovens nunca tinham parado para pensar, analisar e sentir a força destas palavras. Não existe tempo ou espaço para isso nem na escola quanto menos na família. No início eram tímidos, mas aos poucos foram se soltando e viram o quanto é importante este momento de socialização dos saberes.

Na dinâmica de apresentação, encontramos alguns jovens que confessaram não gostar de seu nome. A maioria dos jovens não sabia o significado do nome, quem deu esse nome, que significado tinha pra ele esse nome.

Depois de refletir sobre a importância de se saber o conceito de cada palavra e de abordar a importância da pessoa humana como ser de relações, vimos a importância de como administrar o tempo e o espaço que ocupamos na escola, dividimos a turma em dois grupos. O primeiro grupo construiu um painel com A ESCOLA QUE TEMOS e o outro A ESCOLA QUE QUEREMOS.

Vejamos o que pensam os jovens de sua escola!

O que os Jovens pensam de sua escola?

No processo de construção do painel, os jovens demonstraram que de fato conhecem bem o espaço em que vivem. Gostam de sua escola, pois é um lugar onde

se encontram. Em nenhum momento falaram mal da escola. Não fizeram nenhuma crítica quanto aos professores, diretor ou coordenador. Pelo contrário, fizeram até uma imagem da diretora chamando atenção do aluno porque saiu da sala. E o aluno apresentou o cartão justificando sua saída da sala.

A escola adotou regras e os alunos agiram de forma natural. Como vemos no painel, a escola é ainda um espaço que os alunos acreditam e ainda valorizam.

O outro grupo que ficou com A ESCOLA QUE QUEREMOS, colocou que a escola deveria ter um laboratório de informática, uma quadra de esporte, uma praça para passeio, sala de aula de dança. Nesse grupo, tivemos um pouco de dificuldades de sair idéias e sugestões da Escola que queremos. Mas finalmente deu resultado.

Os jovens gostam de participar e interagir entre eles. Depois de três dias de intenso trabalho fomos refletir com eles a importância de tornar a escola um espaço de aprendizagem. Adquirimos destes jovens a autoconfiança, a acolhida, a atenção um do outro, a escuta. Na construção destes dois painéis fomos percebendo que os jovens têm pouca motivação, falta de conhecimento do que são, onde estão e para onde vão. Sentem a necessidade de agredir um ao outro como forma de chamar a atenção. Falam muito alto. Quase gritando. Gostam de músicas. Quase não param na sala. Saem muito. São inquietos. A maioria tem responsabilidade em casa como: cuidar de doente em hospital, ajudar na casa, cuidar dos animais, trabalhar, etc.

A escola não ajudou estes jovens a desenvolver uma consciência para a prática da cidadania, autonomia e socialização. Isso se percebe pelo fato de que a escola não conseguiu se inserir na vida da comunidade e vice-versa. É uma escola que fica dentro do bairro de periferia, mas não está aberta à comunidade. Falta uma liderança que ajude nisso. Tanto do bairro quanto da escola.

O próprio Piaget afirma que:

O “bom caráter” de uma criança começa a ser construído quando deixamos que ela própria, no berço, se desenrole do lençol que lhe impede os movimentos. Pois o problema da criança é independentizar-se, desenvolvendo a iniciativa, na busca de soluções lógicas para seus problemas (ANDRADE, 1998, p.118).

Devemos, através da escola, ter uma formação da cidadania para a prática do respeito mútuo, discussão entre iguais com acordo e compromisso mútuo e liderança situacional.

Daí a importância de se apropriar da construção do auto-conceito, da auto-imagem e da auto-estima, desenvolvendo a própria identidade, que se desenvolvem numa seqüência.

Escola: lugar de interação social

Convivendo com esta turma de 8ª série por três dias, pudemos perceber muita coisa. Vimos que:

- ✓ Quando alguém pensa diferente deles, a reação é sempre de conflitos, brigas, desavenças. Chegam até a se intrigarem ou fecharem a cara.
- ✓ Tiveram dificuldades de falar de seus sonhos, pois dar a impressão de não acreditarem. Ou acharem que não tem futuro. São alegres, mas na verdade estão escondendo-se para não transparecerem o que na verdade são: filhos de pais separados ou de famílias desestruturadas ou desequilibrada, famílias desempregadas ou sem o essencial para viver, famílias com um alto índice de depressão, problema de pressão, diabetes, até casos de hanseníase, violência em casa, mães que apanham dos maridos de 2/ ou 3/ casamento...
- ✓ São muito desconfiados, armados. Falaram até que a mãe de um deles não é de confiança. Quando diz algo de si logo fala para os outros. O jovem só fala de si se tiver confiança.
- ✓ Na relação em casa, difícil convivência com a família: tias que batem...
- ✓ Quase não se tem claro para os jovens, quais os valores que as famílias presam.
- ✓ Necessidade de cultivar melhor as relações na família, na escola, na comunidade, no trabalho.
- ✓ Dificuldade em cumprir regras ou normas.

Diante disto, reportamo-nos ao texto de Andrade que diz:

Se quisermos formar cidadãos conscientes, personalidades bem desenvolvidas, pessoas integras, temos que repensar toda a estrutura escolar, com a preocupação de dar significado á vivência dos alunos nas atividades curriculares e extracurriculares: temos que rever nosso currículo, quanto a prioridade dos conteúdos e da metodologia utilizada, visando possibilitar a formação de conceitos e atitudes pelos alunos, temos que propiciar a auto-avaliação e a avaliação em grupos, para permitir a conscientização e o compromisso pessoal (ANDRADE, 1998, p. 119).

Após o acompanhamento nestes poucos dias de atividades e em conversas com os educadores da escola é possível se concluir que não existe aluno “bagunceiro”, mas sim alunos que precisam ser ouvidos, questionados, argumentados, deixar que eles lancem suas idéias e sejam acatadas dando novas ressignificações para seus relacionamentos sejam escolares ou familiares. Foi uma imagem muito significativa da participação destes jovens, uma sede de desabafar, de deixar transparecer seus ideais, mesmo com o mais íntimo de vossas simplicidades.

Portanto, precisamos insistir na busca de novas maneiras de despertar os nossos educadores para a importância de trabalhar com os nossos educandos buscando conhecer o ser humano como um todo, na sua inteireza com desafios e limitações, pois de onde mais se espera é que desperta as grandes realizações. E como diz Paulo Freire: “O verdadeiro humanista reconhece-se mais pela confiança nos homens que o conduzem a comprometer-se numa luta que nas milhares de ações que pode empreender por eles, sem esta confiança” (FREIRE, 2001, p. 70).

A instituição educacional está em crise, devido o modelo de sociedade de consumo e a maneira como nossas escolas estão estruturadas. A escola deverá aprender um novo jeito de atuar na sociedade confrontando-se com:

[...] sujeito contemporâneo nômade, múltiplo, diverso, expandido, flâneador e tribalista, que se constitui no movimento, na errância, no trânsito, no deslocamento de um lugar a outro em qualquer plano de vida: no geográfico, no social e no psicológico. Enquanto, pois, o sujeito contemporâneo se constitui num tempo e num espaço ampliados, a escola continua com sua constituição fincada num tempo e num espaço contritos e fechados (LA TAILLE, 2010, p.39).

Precisamos ser “pontes” de ligação entre as famílias e a sociedade ao qual fazemos parte. Devemos sair da zona de conforto que muitos se agarram e começar a construir um novo modelo de educação. Os avanços tecnológicos e científicos estão acelerados. Cabe aqui o papel dos nossos gestores, coordenadores e educadores planejar juntos um projeto político pedagógico que atenda as necessidades básicas e se aplique no dia-a-dia da vida escolar e comunitária.

O ritmo acelerado imputado a esse mundo e a vida não podem esperar a escola. O pobre não pode esperar pelos morosos conhecimentos escolares para buscar sua sobrevivência e o abastado baixa imediatamente na internet a informação de que necessita. Vivemos a era da instantaneidade, da superficialidade e do consumismo, inclusive no plano intelectual, e esse é uma das razões pelas quais uma formação acurada, profunda, sólida e consistente não tem mais lugar, é uma anacronia. O aprendiz ou o formando procuram soluções rápidas e efeitos momentâneos, como drogas que propiciem estados passageiros de êxtase e felicidade (LA TAILLE, 2010, p. 39-40).

Precisamos aprender a conhecer para poder aprender a fazer e aprender a ser PROTAGONISTA DA NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA. Para isso, é de fundamental importância ter consciência da responsabilidade nas escolhas que se faz, respeitar-se e respeitar o outro na sua inteireza de ser e de viver.

Conclusão

Como vimos é necessário que se crie uma escola de formação de lideranças nesta região, que garanta a participação dos jovens, preparando-os para serem protagonistas de sua própria história. É necessário e urgente porque hoje os jovens não têm mais nenhuma referência seja ela política, social e cultural. Precisamos acordar as autoridades políticas da região para aplicação das políticas públicas voltadas para as questões básicas da formação humana da juventude: cidadania, direitos humanos, solidariedade, culturas étnicas, gênero, criação de políticas públicas, gestão econômica, geração de renda favorável a realidade de cada jovem, etc.

Para poder mudar esta cultura de violência e de dependência na região o caminho é a EDUCAÇÃO. Por isso, é preciso investir na formação dos jovens para serem agentes transformadores de uma nova cultura: Cultura da Autonomia, da Liberdade, da Justiça, da Verdade, da Arte e da Ética. Foi pensando nisso que surgiu a idéia de se criar uma ESCOLA DE FORMAÇÃO PERMANENTE PARA A JUVENTUDE FLORESTANA, tendo como enfoque a ARTE / CULTURA / CIDADANIA / ANIMAÇÃO DE GRUPOS DE JOVENS NO MEIO POPULAR. Queremos ter a presença de jovens vindos das escolas, periferias, campos, associações, movimentos, sindicatos, movimento quilombola e indígena, pois acreditamos na riqueza da pluriversidade de culturas e raças.

O Curso de Formação de Lideranças pretende oferecer condições aos Jovens, promovendo a dignidade da existência humana através das ações voltadas para as políticas públicas que permitam a valorização e a vivência da paz, numa perspectiva ética. Acreditamos que este processo de reeducação na geração atual poderá no futuro, mudar de atitudes, resgatarem valores perdidos no passado e mudar a história desta região (tecido social).

A Diocese de Floresta acredita muito nesta proposta para garantir um quadro de JOVENS LÍDERES qualificados para atuar como protagonista na construção de uma Educação voltada para a prática da Ética, da Justiça e da Paz muito necessária nesta região.

Referências

ALMEIDA, Jorge Miranda de Almeida (ORG.) **Pressupostos da educação para uma cultura ética de paz**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2010.

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Disciplina escolar e cidadania: um enfoque psicogenético á questão dos limites. In: Goulart, Íris Barbosa (ORG). **A educação na Perspectiva construtivista**: reflexões de uma equipe interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1998.

Documento da CNBB. **Educação, igreja e sociedade**. 6 ed. São Paulo: CNBB, 2005. (Documento 47).

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. São Paulo: Centauro, 2001.

LA TAILLE, Yves de. **Indisciplina/disciplina**: ética, moral e ação do professor/ Yves de La Taille, Nelson Pedro-Silva e José Sterza Justo. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

